**O ENSINO RELIGIOSO E ATIVIDADES ESPORTIVAS: uma abordagem sobre a religiosidade no contexto do futebol**

***João Batista Vicente do Nascimento***[[1]](#footnote-1)

**Grupo de Trabalho (GT): GT 11: Ensino Religioso, Cuidado Espiritual e Saúde: (re)descobrindo confluências**

**Resumo**

O presente trabalho versa sobre a religiosidade no contexto esportivo do futebol. Tem por objetivo discutir a relação do jogador de futebol com as práticas religiosas. Tomando como referencial teórico pesquisadores das ciências das religiões, foi referendado a relevância dos estudos no campo religioso enquanto proposição científica. Tendo a família, as instituições religiosas, o Estado e os meios de comunicação de massa, como influentes na formação dos valores, demonstrou-se como essas instituições estão próximas do ensino religioso. Utilizando uma metodologia descritiva e exploratória valendo-se de fontes bibliográficas, as discussões também receberam influência das experiências empíricas do pesquisador. Os resultados demonstram uma estreita relação do jogador de futebol com as práticas religiosas, que no Brasil é predominantemente do simbolismo cristão.

**Palavras-chave:** Ensino religioso; Atividades esportivas; Religiosidade; Jogador de futebol.

**1 Introdução**

A produção desse trabalho ocorre no contexto das proposições apresentadas pelos organizadores do GT 11 do XII Congresso Nacional de Ensino Religioso – CONERE. Tendo em vista uma abordagem transdisciplinar com vistas ao debate sobre o Ensino Religioso envolvendo saúde física, emocional e espiritual, bem como experiências de Assistência Espiritual/Religiosa em ambientes como por exemplo, o esportivo, a presente abordagem torna-se oportuna, tendo em vista um dos campos de formação do autor (Ciências das Religiões), e desta feita podendo ser relacionada às suas observações no campo esportivo do futebol.

O ser humano enquanto sujeito sociocultural, lida com a espiritualidade desde os primórdios da sua existência. Estando diante de situações que fugiam ao seu controle, logo, percebe-se a relação com o sagrado, com as divindades, e obviamente, também com a religiosidade. Seja na cosmovisão presente no animismo ou no naturismo, na relação com os elementos da natureza, com os seres vivos, nas questões ontológicas, o *homo religiosus,* encontra-se no campo de estudo das ciências das religiões.

A emancipação da religião enquanto campo científico só ocorreu a partir do século XIX, inicialmente na Alemanha se expandindo posteriormente para outras regiões. No Brasil, essa emancipação ocorre quando perde o peso da confissão clerical e passa a ter aceitação com o reconhecimento da CAPES através da Área 44, embora ainda exista desconfianças dentro da academia, com o receio do proselitismo religioso, evidentemente, guardadas as devidas proporções.

Nesse sentido, importa referendar o aspecto interdisciplinar presente nas pesquisas relacionadas ao campo religioso. Isto porque, possuem relevantes trocas de informações, a ponto de, num Grupo de Trabalho, congruente de informações como as que foram propostas, permite a inserção da atividade esportiva nessa perspectiva de análise.

Sendo assim, mais especificamente, o campo esportivo escolhido foi a atividade do futebol masculino, visto que, o pesquisador possui experiência de participação observante no universo do futebol, tornando possível para este momento uma breve abordagem relacionando o campo religioso com a prática do futebol.

No que diz respeito aos aspectos metodológicos, foi escolhida uma metodologia descritiva exploratória através da utilização de fontes secundárias de caráter bibliográfico. A pesquisa bibliográfica se caracteriza como um importante subsídio para o pesquisador, uma vez que, como afirma Santos (1999), se caracteriza como o conjunto de materiais que contém informações já elaboradas e publicadas por outros autores. Grande parte dos estudos exploratórios fazem parte desse tipo de pesquisa e tem como vantagem o estudo direto em fontes científicas, sem precisar recorrer diretamente aos fatos/fenômenos da realidade empírica (OLIVEIRA, 2012, p. 69).

Embora a predominância seja descritiva e exploratória, o estudo também conta com uma abordagem empírica, uma vez que, por ser um recorrente frequentador de estádios de futebol, seja em jogos oficiais, o pesquisador costuma acompanha o futebol amador, principalmente as divisões de base nas categorias sub 15 (atletas entre 14 e 15 anos de idade), sub 17 (atletas entre 16 e 17 anos de idade), e a categoria sub 20 (atletas entre 18 e 20 anos de idade), além de assistir com frequência os jogos televisivos. Fazendo uso da participação observante, parte dos apontamentos, são resultados da percepção do pesquisador acerca do comportamento dos atletas nos campos de futebol, bem como das entrevistas costumeiramente transmitidas após os jogos televisivos.

Para tanto, o texto encontra-se estruturado em introdução (com informações sobre os aspectos metodológicos), fundamentação teórica, resultados e discussões, considerações finais e referencial teórico.

**2 Fundamentação teórica**

Propomos um questionamento: qual é o objeto de estudo da religião? O *homo religiosus*. Portanto, simplificadamente, é o estudo do ser humano e sua relação com a religião. Trata-se de uma ciência humana e social amparada em debates teóricos, metodológicos e epistemológicos da Antropologia, Sociologia, da História, Geografia, Teologia, da Psicologia, da Linguística e de outras mais. “Onde há seres humanos, a religião está por perto. Por conseguinte, cientistas que investigam o ser humano, seja como indivíduo, seja como ser social, deparam-se também, mais cedo ou mais tarde, com o objeto religião” (GRESCHAT, 2005, p. 23).

Estudos indicam o alemão Max Müller como fundador da ciência, ou, das ciências das religiões. “(...) É preciso dizer que a expressão ‘Ciência da Religião’ *(Religionwissenschaft)* foi cunhada na segunda metade do século XIX para destacar a emancipação das Ciências Humanas em relação à Filosofia e à Teologia” (CAMURÇA, 2008, p. 21). É possível acrescentar que:

O termo Ciência da Religião refere-se a um empreendimento acadêmico que, sustentado por recursos públicos, norteado por um interesse de conhecimento específico e orientado por um conjunto de teorias específicas, dedica-se de maneira não normativa ao estudo histórico e sistemático de religiões concretas em suas múltiplas dimensões, manifestações e contextos socioculturais. (USARSKI, 2013, p. 51).

Como tal, constata-se que, os fundamentos epistemológicos que sustentam os estudos sobre a religião, devem ser precedidos pela ciência pois o cenário de diversidade religioso existente no mundo na atualidade, não pode ser exclusivo da confissão religiosa. O estudo da religião depreende análise de ordem macro e micro de comunidades, grupos sociais, instituições, indivíduos que podem variar desde os povos ágrafos até as comunidades do tempo mais imediato, dos grupos mais isolados até os mais diversos tipos de espaços urbanos. Das culturas mais intrinsecamente religiosas aos grupos ou indivíduos não religiosos. Contempla doutrinas, organização, estatutos, ritos, códigos de conduta, regimentos, regulamentos, pertencimento, liturgias, relações de poder, curas, magia, divindades, símbolos, hierarquias.

Eis porque, tomando como pressuposto a religião como ciência, o ensino religioso dispõe de ferramentas factíveis para ampliar os horizontes desse tipo de conhecimento nos espaços escolares, sem o peso do proselitismo religioso, tão comum em épocas bem recentes no contexto escolar brasileiro.

A abrangência é significativamente ampla e a identificação dos fatos reais que caracterizam o mundo religioso como constituinte da tarefa do cientista da religião, representa o seu papel nesse universo em que, promover um entendimento histórico do desenvolvimento das religiões, significa extrair das fontes aquilo que elas oferecem de informações.

Do ponto de vista conceitual, Robert Crawford aborda sobre a dificuldade a respeito, considerando a não existência de uma definição única. Em seu livro “O que é Religião?”, traz pelo menos dezessete teóricos com distintas definições. Aliás, ele apresenta a assertiva de que “a religião é uma forma de vida”. Acrescenta que “refletem a perspectiva de antropólogos, sociólogos, filósofos, psicólogos, biólogos, teólogos, historiadores, escrituras, e mostram que não existe nenhuma definição universalmente aceita de religião” (CRAWFORD, 2005, p. 14).

 Em um aspecto didático e bastante compreensível, destacamos a distinção entre religião e religiosidade, apresentada por uma das pioneiras dos estudos sobre o protestantismo na Bahia, a professora Elizete da Silva:

Entendemos a religião e a religiosidade como formas de expressão do sagrado, as quais mantêm estreitos vínculos com os demais elementos constitutivos de um sistema cultural e têm se manifestado com variadas nuances e matizes ao longo da História. Nessa perspectiva, destacamos dois conceitos muito discutidos: religião e religiosidade. E qual a diferença básica? A religião é a instituição. É o corpo sacerdotal, a hierarquia, a teologia, as doutrinas. E o que é a religiosidade? São as vivências, os sentimentos, as práticas, as emoções que permeiam o cotidiano do fiel. (SILVA, 2010, p. 105).

Assim, esses dois termos intrinsecamente relacionados, tem na definição acima uma clara distinção de seus respectivos campos de atuação. Ou seja, ao cientista das religiões caberá também a tarefa dessa distinção, ciente de que ao olhar a religião enquanto corpo institucionalizado, deverá olhar o *homo religiosus* enquanto agente, enquanto adepto, sujeito praticante de experiências religiosas cotidianas.

Nessa perspectiva, os resultados e discussões a seguir, tem como foco a religiosidade do jogador do futebol. Em outras palavras, seguindo a definição de Elizete da Silva, vamos discutir um pouco das vivências, dos sentimentos, das práticas que permeiam o cotidiano do jogador de futebol e sua relação com a religiosidade.

**3 Resultados e Discussão**

Doravante, consideremos também as representações simbólicas presentes na religião. “Os eventos religiosos são ligados aos eventos culturais e, mais particularmente, ao seu aspecto simbólico, já que, desde a mais remota pré-história, o *homo religiosus* é um *homo symbolicus*” (RIES, 2019, p. 173). Essa afirmação nos remete a dois componentes dessa discussão: os eventos culturais e o simbolismo religioso.

O futebol faz parte de maneira efetiva da cultura brasileira. Popularmente, chegam a dizer que “o Brasil é o país do futebol”. Temos notoriedade nesse campo pelos títulos mundiais, pela quantidade de jogadores brasileiros que já ganharam prêmio como melhor do mundo, pelo permanente mercado exportador de jogadores para o futebol internacional, e claro, não poderia deixar de falar, Edson Arantes do Nascimento – o Pelé, considerado o melhor jogador de todos os tempos.

Por outro lado, não obstante as altas cifras que envolvem o negócio chamado futebol, existe uma prática religiosa extremamente presente neste ambiente, e talvez, pouco abordada cientificamente. A representação religiosa, tão comum nas atitudes dos jogadores, nos chama a atenção nas suas mais diversas categorias ou divisões, como é tratado nas competições.

O simbolismo religioso característico da religiosidade do jogador brasileiro é predominantemente cristão. Os expoentes mais visíveis dessa representação, estão na roda de oração, bastante praticada antes dos jogos e no sinal da cruz, extremamente comum no gesto do jogador, normalmente antes de entrar em campo. A roda de oração, na maioria das vezes, é o Pai Nosso, oração ensinada por Jesus e que se encontra no novo testamento da Bíblia Sagada. Há ainda muito comum, a entrada em campo com os três pulinhos, situação que evoca algum tipo de superstição ou mesmo, alusão ao santo católico, São Longuinho.

Uma outra situação extremamente comum, encontra-se no discurso do jogador nos casos de entrevistas pós jogo em situações de vitórias ou conquista de títulos e campeonatos. Uma das afirmações mais ouvidas é: “primeiramente agradeço a Deus e a minha família...”. Depois segue, os treinadores, a equipe, os dirigentes, o clube, o torcedor, etc.

Mas, o jogador que tem sua prática religiosa, também não está isento da intolerância religiosa. Já foi possível ver isso contra jogadores de confissão evangélica protestante, quanto ao credo de matriz africana. O caso conhecido mais recente, ocorreu com o jogador Paulinho, meio campista e atacante do Atlético Mineiro, adepto do candomblé, que ao comemorar seus gols fazendo o gesto da flecha de Oxóssi, sofreu uma série de ataques de intolerância religiosa nas redes sociais por conta das suas comemorações. Críticas dessa natureza também já ocorreram com jogadores que usam camisas por baixo do uniforme trazendo mensagens alusivas a Jesus Cristo.

Mas, por que se faz tão presente a religiosidade no comportamento do jogador de futebol? É possível que muitos dos que acompanham as partidas pela TV, estejam mais acostumados ao glamour do futebol televisivo, assistido e noticiado pelos rincões desse país, onde as informações das cifras ultrapassam os milhões em real, dólar ou euro. Só que essa realidade milionária representa menos de um por cento do universo de jogadores profissionais brasileiros. Em outras palavras, embora seja um mercado de milhões, o número de jogadores envolvidos é bem pequeno, comparado ao quantitativo de jogador profissional espalhado pelo país.

A trajetória da grande maioria até tornar-se jogador profissional começa bem cedo. Um atleta que se aposenta entre 35 e 40 anos, pode ter começado a jogar bola aos cinco anos de idade, ou na pior das hipóteses, na sua adolescência. Esse caminho envolve questões sociais fundamentais. A maioria dos jogadores de futebol no Brasil são de famílias economicamente pobres. Muitos garotos deixam suas casas, suas famílias entre os 12, 14, 16 anos de idade. Em alguns casos, até mais cedo. Os clubes que costumam ter alojamentos para atletas, permitem o alojamento a parir dos 14 anos, conforme a lei. Mesmo assim, a maioria dos clubes no Brasil não possuem alojamentos.

Recai muitas vezes sobre os ombros desses garotos, a responsabilidade gerada pela expectativa de sucesso no mundo do futebol. Muitos deles vislumbram o sonho que em algumas situações pode ser do pai ou dos familiares, tendo que ainda cedo, carregar a responsabilidade de mudar a realidade social familiar. Dessa forma, logo cedo, são obrigados a lidar com a ausência da família, dos amigos e do seu ambiente de infância. As chamadas “peneiras”, que funcionam como seletivas para que os observadores ou olheiros possam selecionar jovens atletas para os clubes, normalmente repletas de garotos cheios de sonhos, carregam muitas dessas histórias.

E como entra o ensino religioso nesse processo? Podemos citar quatro instituições que são formadoras dos nossos valores: a família, as instituições religiosas, o Estado e os meios de comunicação de massa. O Brasil, embora com sua diversidade religiosa distribuída entre as mais de 60 vertentes existentes, ainda possui um maior quantitativo de confissão católica e evangélica. Com isso, há uma predominância da vertente cristã. Assim, o ensino religioso começa em casa, que passa pela instituição religiosa chegando até a escola.

O garoto que sai de casa, o jogador que disputa uma forte concorrência para tornar-se profissional, se apega ao sagrado como forma de alimentar os seus sonhos. Ele expressa a sua religiosidade através dos símbolos religiosos que o acompanha. Existem três valências que são fundamentais para que o jogador tenha êxito em sua jornada. As condições físicas, técnicas e mentais. Essas são premissas bastante referidas pelo gestores do futebol. Evidentemente, não se resume a isso, mas caracterizam-se como pilares para que as outras habilidades sejam colocadas em práticas, tais como a tomada de decisão, a obediência tática, a leitura de jogo, e outras mais.

A espiritualidade e religiosidade do atleta tende a contribuir para esse fortalecimento mental. Coutinho (2012), afirma que a espiritualidade consiste numa relação individual, pessoal com o sagrado. “Ao lidar com os símbolos, com o imaginário, ao se render ao sagrado, ao fazer da oração, o ser humano expressa suas emoções, aguça a sua espiritualidade, desenvolve a sua sensibilidade, a sua religiosidade, o seu bem estar físico, mental e espiritual” (NASCIMENTO, 2022, p. 115).

Portanto, com o jogador de futebol, não é diferente. A religiosidade por ele praticada, funciona como uma espécie de antídoto capaz de mitigar os males provocados pelas incertezas, os desafios do tempo fora de casa, as adversidades dos constantes riscos de lesão. Assim, não será surpresa para o pesquisador cientista das religiões, encontrar na várzea, no campinho da praça, no final da rua ou no estádio lotado, o jogador de futebol, com sua força física, com habilidades e ímpeto pela vitória, mas também o sujeito religioso, que de alguma forma deposita no sagrado a sua confiança.

**5 Considerações Finais**

Contrariando o adágio popular de que religião, política e futebol não se discute, o presente trabalho se reportou, ainda que de forma resumida, a dois aspectos inerentes aos seres humanos. A religião e a atividade esportiva. Sendo apresentado no ano em que o mundo contemplou as olimpíadas de Paris, optamos por abordar acerca do atleta de futebol e sua religiosidade.

Considerando a importância das ciências das religiões como elemento emancipatório para tratar do tema religião sem a força das confissões clericais, tão comuns desde os tempos do surgimento das instituições religiosas, a escolha por essa abordagem visa não apenas uma aproximação com o público do campo religioso, mas também com o leitor de outras áreas interessados na temática.

Os estudos sobre o profissional do futebol, especialmente o jogador, são amplos e envolves várias situações. Portanto, nossa expectativa é de que o leitor desses breves apontamentos, tenha compreendido o esforço para tornar esse texto possível e que sirva de aporte para estudos futuros.

**Referências**

CAMURÇA, Marcelo. *Ciências Sociais e Ciência das Religiões:* polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção Repensando a Religião).

COUTINHO, José Pereira. Religião e outros Conceitos. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.* v. XXIV, 2012, p. 171-193.

CRAWFORD, Robert. *O que é religião?* Petrópolis: Vozes, 2005.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é Ciência da Religião?* São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Repensando a Religião).

NASCIMENTO, João Batista Vicente do. *Teologia da Prosperidade e Política no Brasil a partir do Século XX:* do pentecostalismo aos Batistas tradicionais no sudoeste baiano. 2022.Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) - Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa.* Petrópolis: Vozes, 2012.

RIES, Julien. *A Ciência das Religiões:* história, historiografia, problemas e método. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. *Metodologia científica:*a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SILVA, Elizete da. Configurações históricas do campo religioso brasileiro*.* *In:* DIAS, André L. M.; NETO, Eurelino, T. C.; LEITE, Márcia Maria da S. B.(orgs.). *História, cultura e poder.* Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.

USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. *In:* PASSOS, J. D; USARSKI, F. (org.). *Compêndio de Ciência da Religião.* São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013, p. 51-61.

1. Doutor em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde – GEPERCS (CNPq) / Centro de Estudos e Pesquisas Interdepartamental em Culturas e Religiões - CEPICR e do Núcleo de História Social e Práticas de Ensino – NHIPE (CNPq). Professor do Curso de História da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – DCH VI, Caetité – Ba. Contato: joaobatistahistoriauneb@gmail.com. [↑](#footnote-ref-1)